

## Gustavo Bernardo

### A terceira margem do pensamento Brasileiro

Em uma pequena cidade do sul da Alemanha chamada Gernersheim, deu-se em outubro um Simpósio internacional para discutir a fase brasileira da obra do filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser (1920-1991).

Flusser chega no Brasil com 20 anos, fugindo da invasão nazista. Nos anos 60 surge como filósofo multi-tarefa: leciona em Universidades, escreve em jornais diários, mantém um encontro semanal com discípulos no terraço de casa, publica livros. No início dos anos 70, volta a viver na Europa. Depois de sua *Por uma filosofia da fotografia*, publicada na Alemanha em 1982 e logo traduzida para quinze idiomas, torna-se conhecido tanto como “o principal teórico de língua alemã dos novos *media*” quanto como “um dos mais importantes filósofos brasileiros”, conforme a expressão de Abraham Moles. Em 1991, volta à cidade natal para uma conferência, mas morre em um acidente de trânsito.

A partir de então, vários encontros internacionais se deram sobre a sua obra. Na Alemanha, Flusser é publicado por várias editoras, à semelhança do Brasil. Aqui, a editora Annablume reedita os seus dois primeiros livros, *Língua e realidade* e *A história do diabo*, muito debatidos no Simpósio, e está lançando, pela primeira vez em língua portuguesa, sua autobiografia filosófica, intitulada *Bodenlos* (palavra alemã que significa “sem-chão” ou “sem-fundamento”).

O Simpósio de Gernersheim, promovido pela Johannes Gutenberg Universität, de Mainz, e organizado por Susanne Klengel e Holger Siever, chamou-se “*A terceira margem: Vilém Flusser und Brasilien*”. A expressão “a terceira margem”, assim mesmo em português no nome alemão do evento, alude ao conhecido conto de Guimarães Rosa, “A terceira margem do rio”, muito comentado pelo filósofo. A expressão remete tanto ao significado do nome Flusser (em alemão, “rio” se diz *Fluss*) e a todas as conotações fluidas dele derivadas, quanto à possibilidade de superação dialética, através de uma terceira via, das dicotomias desgastadas, como causa- consequência e retrocesso-progresso.

O acontecimento contou com seis brasileiros convidados (Susana Kampff Lages, Izabela Furtado Kestler, Ricardo Mendes, Norval Baitello Jr, Márcio Seligmann e o autor do presente artigo), dois alemães que trabalham em universidades brasileiras (Willi Bolle e Michael Hanke), outros oito alemães (os organizadores do evento e ainda Dirk Hennrich, Matthias Kroß, Siegfried Zielinski, Rüdiger Zill, Joachim Michael e Anke Finger) e, finalmente, com o suíço Rainer Guldin, autor de *Philosophieren zwischen den Sprachen: Vilém Flussers Werk*.

Esteve presente a todas as conferências, conversando generosamente com cada pesquisador, a viúva de Vilém, Edith Flusser, hoje com 86 anos. Sua presença foi importante, quer por ter sido a leitora preferencial do filósofo, quer por esclarecer e lembrar a personalidade do marido. A obra de Vilém Flusser não se dissocia da sua *persona*, suas performances e vasta correspondência com intelectuais e artistas, como bem mostrou a conferência de Siegfried Zielinski, falando debaixo da projeção da famosa foto do filósofo com os dois pares de óculos, um sobre os olhos e outro na testa. Na abertura do evento, anunciou-se a publicação do livro de Norval Baitello Jr, intitulado *Flussers Voellerei*, e o lançamento do terceiro número da revista digital *Flusserstudies* (ver em [www.flusserstudies.net](http://www.flusserstudies.net)). O Simpósio superou a fase de louvação de Flusser para fazer melhor o que ele mesmo gostaria, isto é, discuti-lo para a frente, agindo sobre suas provocações. É o que fez, por exemplo, Willi Bolle, ao criticar a leitura flusseriana de Guimarães Rosa. É o que fizera Anatol Rosenfeld, ao resenhar o primeiro livro de Vilém, em 1963: gostaria que Flusser examinasse melhor suas verdades parciais, mas ao mesmo tempo preferia que o filósofo continuasse escrevendo livros como aquele, “esplêndidos, conquanto errados”, até porque há erros mais fecundos do que muitas verdades.

As conferências de Dirk Hennrich e Izabela Kestler procuraram situar Flusser no contexto paulista dos anos 60, tanto antes quanto depois do golpe militar. Complementando-as, Susanne Klengel estudou a ensaística de Flusser sobre o Brasil, mostrando as ricas ambivalências das múltiplas mediações que ele pretendia. Procuraram-se estabelecer conexões importantes, relacionando o filósofo ora ao pensamento de Wittgenstein, como o fez Matthias Kroß, ora ao de Vicente Ferreira da Silva (mais um gigante brasileiro esquecido) e à ficção do tcheco Karel Capek, como tentei fazer. Michael Hanke comentou a tensão flusseriana entre engajamento e desengajamento a partir da relação de admiração e decepção que Vilém teve com o Brasil, tensão esta bem ilustrada pela palestra de Ricardo Mendes, comentando a participação ativa do filósofo na Bienal de São Paulo. Na mesma linha, Joachim Michael (o único alemão que fez sua conferência em português) percebia que na intrigante *Fenomenologia do brasileiro*, publicada antes em alemão como *Brasilien oder die Suche nach dem neuen Menschen*, estavam as bases conceituais da “comunicologia” flusseriana. Escrito depois de sair do Brasil e para o público europeu, o livro mostrava sua aposta, embora àquela altura já com restrições, no brasileiro como o novo homem da civilização ocidental. Flusser apostava no brasileiro, mas o brasileiro, incomodado com um pensador que repudiava as idéias combinadas de progresso e pátria, não apostava em Flusser.

Como sintetizou Márcio Seligmann, Flusser transformou sua condição de vítima, do nazismo e do exílio, em condição modelar, apresentando-se como mensageiro daquele homem novo: um ser nômade e sempre estrangeiro, portanto sem pátria, aberto à diferença e construtor de pontes (lembrando a Ponte Carlos da sua Praga natal). Foram múltiplas as pontes que Vilém tentou estender: entre as diversas línguas que dominava, entre a cultura européia e a cultura brasileira, entre a metafísica da

dúvida e a avançada teoria dos novos *media*. Na mesma linha, Susana Kampff e Rainer Guldin relacionaram Flusser a Haroldo de Campos e à sua reflexão sobre o barroco mineiro, exemplo da tendência brasileira de apropriar-se da cultura européia mas dela divergindo, numa espécie de contraconquista.

Na Europa, o *boom* flusseriano partiu da sua filosofia da fotografia como paradigma da imagem técnica. Se esse *boom* o tornou conhecido no velho continente, contribuiu para afastá-lo do público brasileiro, por conta das edições em alemão, e também para congelá-lo como “apenas” um teórico dos novos *media*. Foi a alemã Anke Finger, que leciona nos Estados Unidos, quem chamou a atenção para a necessidade de estudar a obra de Flusser como um todo complexo e muito bem articulado, no qual as reflexões lingüísticas e existenciais produzidas no Brasil têm parte fundamental. Sua filosofia da emigração é também uma filosofia da tradução, como destacou Holger Siever, e ainda uma filosofia do estranhamento e do espanto, como lembrou Rüdiger Zill.

O Simpósio enfatizou a necessidade de publicar sua obra completa tanto em alemão quanto em português, até porque pouco conhecemos a fase alemã, assim como eles conhecem pouco a fase brasileira. Só assim poderemos conhecer melhor um pensamento que, mais do que duas fases, contempla várias línguas e múltiplos aspectos que se unificam na preocupação com a “estrangeiridade” do ser humano.

Trata-se de um esforço institucional e acadêmico considerável, mas à altura daquele que escreveu: “estrangeiro (e estranho) é quem afirma seu próprio ser no mundo que o cerca. Assim, dá sentido ao mundo, e de certa maneira o domina. Mas o domina tragicamente: não se integra. O cedro é estrangeiro no meu parque. Eu sou estrangeiro na França. O homem é estrangeiro no mundo”.